



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à coleta do primeiro óleo da camada do pré-sal na Plataforma P-34

Vitória-ES, 02 de setembro de 2008

Meu querido companheiro Paulo Hartung, governador do estado do Espírito Santo,

Companheiros ministros Edison Lobão, de Minas e Energia, e Franklin Martins, da Comunicação Social,

Meu caro companheiro Ricardo Ferraço, vice-governador do estado do Espírito Santo,

Desembargador Frederico Guilherme Pimentel, presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo,

Meus amigos e companheiros senadores Gerson Camata, Magno Malta e Renato Casagrande,

Deputadas federais Iriny Lopes, Rita Camata e Rose de Freitas,

Deputados federais Camilo Cola e Lelo Coimbra,

Meu caro companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro companheiro Carlos Henrique Almeida Custódio, presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos,

Meu caro companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras Distribuidora,

Meu caro Haroldo Lima, companheiro de guerra, diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo,

Meus companheiros diretores da Petrobras, Guilherme Estrella, da área de Exploração e Produção, e Paulo Roberto da Costa, da área de Abastecimento,

Nossa querida companheira Ester Bárbara da Silva, representante dos



trabalhadores, por meio de quem cumprimento todos os funcionários da Petrobras,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero dizer para vocês sobre a dimensão histórica, carregada de emoção, de estar segurando na mão uma amostra de barril de petróleo tirada de mais de 4 mil metros de profundidade. Certamente nenhum de nós que está aqui, alguns anos atrás, imaginava que fosse possível ter acesso a uma matéria-prima que está a 7 mil metros de profundidade, sem contar lâmina d'água, rocha e sal.

Eu digo, em todos os lugares aonde vou, que estamos indo tão fundo para procurar petróleo que, qualquer dia, a Petrobras traz um japonês na sua broca, e aí vai dar um problema internacional sem precedentes. É uma coisa realmente extraordinária. Tive o prazer de meter a mão no óleo, e é uma sensação eu penso que única para um ser humano que tem o privilégio de presidir o País neste momento. Tenho tanta sorte que acho que Deus passou por aqui e resolveu ficar, porque a sorte aumenta a cada dia.

Se analisarmos corretamente os momentos de alegria, vamos ver que a história do petróleo no Brasil tem alguns momentos marcantes. O primeiro deles foi em 1939, em Lobato, na Bahia, quando se descobriu o primeiro petróleo brasileiro, quando Getúlio Vargas era presidente. A Petrobras só foi criada em 1953, praticamente 14 anos depois... Já tinha saído da Presidência da República em 1945. De 1946 a 1950 tivemos outro presidente da República, e precisou voltar Getúlio, 14 anos depois, para decidir, um ano antes de se matar, criar a Petrobras. Este foi o segundo grande momento.

Como acontece na vida de todo mundo, quando a gente chega à mesa para comer e o prato está feito, tudo é mais fácil. Hoje, falar da Petrobras é muito importante. Mas, se vocês recorrerem às matérias da imprensa escritas em 1953, vão perceber que houve muitas críticas à criação da Petrobras.



Jornais brasileiros importantes fizeram editoriais contra a criação da Petrobras, dizendo que o Brasil não tinha que se meter, porque era uma área estranha ao nosso querido País. Isso, há 55 anos.

Eu tive o prazer de viver dois momentos importantes da Petrobras. Em 2006, quando o companheiro José Eduardo Dutra era presidente da Petrobras e anunciou a auto-suficiência em petróleo. Um belo dia, recebi no meu gabinete o companheiro José Sergio Gabrielli, acompanhado do companheiro Estrella. Levaram um monte de mapas para mostrar que tínhamos ido muito longe. Pela primeira vez, eu ouvi falar em pré-sal. Até então, o único sal que eu conhecia é o que a gente coloca na comida lá em casa, no churrasco ou na salada.

O Estrella me contou uma história, muito entusiasmado, incentivado pelo José Sergio Gabrielli. Fui para casa dormir, com dúvidas. Eu falei: em que esses companheiros querem me enganar? Primeiro, me levaram um mapa com o continente africano junto com o sul-americano e me contaram uma história que começou a acontecer há 128 milhões de anos. Foram contando a história da separação dos continentes e, em contrapartida, a criação da camada pré-sal, que foi descendo na medida em que o continente ia se afastando. Por conta disso, em áreas que a gente já estava quase achando que não tinha mais petróleo, com novas tecnologias, eis que se descobre que temos petróleo de boa qualidade e muito, a essa profundidade até então inimaginável para o homem chegar.

Eu confesso, Gabrielli, que fiquei uns três dias me perguntando por que vocês tinham me enganado com aquela... e ainda pediram segredo. O cidadão vai contar uma história dessas e ainda pede segredo: “Não pode contar isso para ninguém, Presidente”. Até que um belo dia estávamos com a data marcada para março do ano que vem, quando vamos explorar o poço de Tupi. A gente vai começar a tirar também, possivelmente de 10 a 15 ou 20 mil barris, em caráter experimental.

O Paulo Hartung me liga e fala: “Presidente, a Petrobras já comunicou



ao senhor que vai começar a explorar o pré-sal?” Eu falei: não. “Pois é, eu fiquei sabendo, por uma fonte...” Pediram segredo para mim, mas não pediram para a fonte. “Eu fiquei sabendo, por uma fonte, que a Petrobras vai começar, agora em setembro – não tem data definida – a tirar o primeiro óleo do pré-sal aqui no Espírito Santo”. Então, eu ligo para o José Sergio Gabrielli e pergunto que história é essa. Ele me contou a história e nós marcamos o dia de hoje, faltando cinco dias para a gente comemorar o dia da independência do nosso país.

O importante é que a gente defina claramente, na nossa consciência e na nossa alma, quando é que a gente concebe a idéia de que um país pode se transformar numa grande nação. Um país, para se transformar numa grande nação, precisa ter um governante, seja municipal, estadual ou federal, que passe esperança para as pessoas. E precisa ter um povo capaz de ser receptivo a essa mensagem de esperança e ter crença de que é possível todos juntos fazerem aquilo acontecer.

Historicamente, no Brasil, tivemos um problema crônico. Qual é o problema crônico que tivemos no Brasil? Alguém é eleito para governar uma cidade, ganha as eleições, toma posse. No dia seguinte, aquele que perdeu, em vez de acatar o resultado democrático e trabalhar para o município ir para a frente, já começa a trabalhar para o prefeito eleito não dar certo, para que ele tenha chance, quatro anos depois.

Com o governador é a mesma coisa. O governador é eleito, em vez de as pessoas torcerem para que tudo aconteça maravilhosamente bem no estado, alguns começam a torcer para não dar certo, porque se der certo a chance de o governador continuar é muito grande, e se tiver uma desgraça o governador quebra a cara e a oposição pode se eleger. Sem levar em conta que quando as coisas não dão certo quem quebra a cara não é o governante, é o povo; quem quebra a cara são as crianças deste país, que perdem oportunidades; são os adolescentes deste país, que perdem oportunidades;



são os formados brasileiros, os profissionais, que perdem oportunidade. Porque se o País não se desenvolve, a economia não cresce, não tem novas empresas, não tem empregos, e não tendo emprego, tudo fica pequeno no País.

É assim que as pessoas pensam, também na Presidência da República. Para nós que somos eleitos quatro anos é tão pouquinho, mas para quem fica na oposição quatro anos é tão grandão. Isso é como pagar imposto: no Brasil, todo mundo reclama. Na hora que o cara tem uma casa, que vai pagar imposto, ele fala: “Nossa, Presidente, eu tenho uma casinha, eu pago tanto de imposto”. Mas na hora que ele vai vender, na hora que ele vai colocar o preço: “Eu tenho uma casona, ela é importante”.

Nós precisamos fazer uma mudança no comportamento político dos homens políticos e das mulheres políticas, para que todos remem, em determinados momentos históricos, para o mesmo lado, para saber... e poderemos até estar em barcos diferentes, não precisa estar todo mundo no mesmo barco, podemos estar em vários barcos diferentes, mas todos remando com o objetivo de tentar alcançar um objetivo comum, determinado pelas necessidades do povo que representamos e para o qual governamos.

Este país já poderia ter dado um salto de qualidade há muito tempo. A gente não pode se esquecer de que o nosso país, durante 30 anos, foi a economia que mais cresceu no mundo. Nós não podemos nos esquecer do famoso período do “milagre brasileiro”, em que os números econômicos eram extraordinários, mas que não tinham sustentação nas políticas de distribuição de renda, portanto, surgiu aquela frase famosa: os ricos ficaram cada vez mais ricos e os pobres ficaram cada vez mais pobres.

Qual é o desafio para nós, que governamos um país? É, ao terminar o mandato, ter um legado que seja a melhoria coletiva da qualidade de vida das pessoas. Que o grande continue ganhando, mas que o pequeno possa subir um ou dois degraus da escada, que possa galgar a participação nas coisas que



produzimos.

A minha alegria é porque, no dia 28, fizemos um ato no Palácio do Planalto em que convidamos os maiores empresários brasileiros, deputados, senadores, estudiosos do mundo econômico e político, e fizemos uma amostragem do que está acontecendo no Brasil. Essa idéia me veio à cabeça porque fui a Portugal assinar um contrato de investimento da Embraer, de 57 milhões de dólares. O discurso do primeiro-ministro de Portugal foi tão eloqüente, que fiquei pensando: pelo amor de Deus, no Brasil estamos fazendo investimentos de bilhões e bilhões, e eu não vejo ninguém fazer um discurso com a eloqüência de um primeiro-ministro, que estava fazendo um investimento de 57 milhões de dólares. Descobri que a eloqüência não era apenas pela quantidade de investimento, era pelo significado do que poderia acontecer depois desse primeiro investimento, que era a possibilidade de Portugal ter uma indústria aeronáutica como o Brasil tem, ter uma Embraer como o Brasil tem. Aquilo era apenas o começo.

Voltei para o Brasil pensando: está na hora de mostrarmos aos brasileiros o que está acontecendo. Eu acho que temos que mostrar uma fotografia única porque as coisas mostradas individualmente, nem a imprensa tem interesse. Todas as semanas vão empresários ao meu gabinete dizer: “Presidente, vou investir 2 bilhões, 1 bilhão, 500 milhões, vou aumentar a indústria automobilística”. Saem do meu gabinete, a imprensa toda entra, tira fotografia. Sai do meu gabinete o empresário junto com o ministro da área, vão lá embaixo e dão entrevista. No dia seguinte, não tem uma vírgula. Entretanto, se fosse uma empresa me comunicar que cinco trabalhadores vão embora para a Argentina porque a empresa perdeu mercado aqui no Brasil, a manchete seria a seguinte: “Brasil perde empresa para a Argentina”.

Como são investimentos muito grandes, resolvi mostrar. Foram até lá o BNDES, a Petrobras e o Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, para falar de políticas sociais. Daqui, alguns companheiros estavam lá. Eu duvido que,



em algum momento histórico dos 500 anos de existência do Brasil, alguém tenha tido a oportunidade de vivenciar o momento que o Brasil está vivendo hoje. Se a gente imaginar o que está programado até 2017, ultrapassaremos os 2 trilhões de reais de investimentos na economia brasileira. Se a gente imaginar o que está previsto de tudo o que é privado e público até 2012, ultrapassaremos 1 trilhão e 400 bilhões de reais.

Por que eu quis mostrar? Para que a gente tenha a dimensão de que quando falamos que está garantida a possibilidade do desenvolvimento sustentável por muito tempo, é porque estamos confiantes de que essas coisas vão acontecer. Para vocês entenderem... o Camilo Cola, que é o decano dos empresários aqui do estado...

Vocês sabem quando foi construído o último alto-forno no Brasil? Há 22 anos. Vocês sabem quando foi construída a última grande fábrica de cimento no Brasil? Há 18 anos. Esses números demonstram que temos uma geração de brasileiros, de homens e mulheres, que não viu o País crescer. Uma geração de brasileiros que, acompanhando os números do IBGE, só viram este país decrescer.

Vocês sabem quantos trabalhadores nós tínhamos na indústria naval, em 1970, quando éramos a segunda indústria naval do mundo, só perdíamos para o Japão? Nós tínhamos 36 mil trabalhadores na indústria naval brasileira. Vocês sabem quantos nós tínhamos em 2002? Mil e seiscentos. Sabem quantos nós temos agora? Quarenta mil.

Isso não é sorte. Se bem que não abro mão de levantar com sorte todo dia. Não me peçam para eu gostar do azar, que de azar chega o Corinthians, que caiu para a segunda divisão. Eu quero sorte. Mas é uma determinação do Estado brasileiro, de que precisamos ser donos de uma grande indústria naval.

Vocês sabem quantos navios – navios grandes, médios, de apoio – a Petrobras vai precisar contratar nos próximos dez anos? Duzentos navios. Vocês sabem quantas sondas a Petrobras vai ter que contratar nos próximos



dez anos, para poder perfurar o pré-sal? Trinta e oito sondas. Vocês sabem quanto custa cada sonda? Setecentos milhões de dólares. Ou tomamos a decisão de fazê-las aqui, geramos tecnologia, emprego, renda e desenvolvimento para o País, ou a Petrobras vai economizar 100 milhões de dólares, vai comprar todas em Cingapura porque, pensando do ponto de vista de empresa, é isso que ela deveria fazer, afinal de contas, é uma empresa que tem ações na Bolsa de Valores de Nova York.

A direção da Petrobras, embora saiba que a Petrobras tem ação na Bolsa de Nova York, não perdeu de vista que é a empresa mais importante do País, a mais respeitada que este país tem no mundo e que, portanto, da mesma forma o presidente da República, o presidente da Petrobras e a diretoria têm que pensar na contribuição que eles podem dar em função desse momento extraordinário que o Brasil está vivendo, e que a Petrobras é peça importante. Como é que a gente vai desenvolver definitivamente uma indústria petrolífera no Brasil, acompanhada do desenvolvimento de alto conhecimento tecnológico, para que a gente possa produzir muitas coisas?

A minha cabeça, Estrella, “pira” a cada vez que fico imaginando que você tem que descer por uns canos a três mil metros de lâmina d’água. Eu, numa piscina de 1 metro e meio, já tenho medo. Então, fico imaginando: a 3 mil metros no fundo do mar, depois que chega no fundo do mar tem a terra, tem que perfurar mais 3 mil metros de rocha, quando termina a rocha tem mais 2 mil metros de sal. Por isso que a água é salgada, é por causa do pré-sal? Eu pensei que era por causa do xixi que as pessoas fazem na praia, no domingo. Mas já vi que...

Este momento que estamos vivendo é um momento que não tem dono. Este momento, no fundo, no fundo, pertence a 190 milhões de brasileiros que estão vivendo hoje no País, pertence a outros milhares que já morreram, pertence a pessoas que morreram acreditando no que estamos colhendo agora e que foram massacradas por aqueles que não acreditavam. E pertence,



sobretudo, àqueles que virão depois de nós, porque certamente nós, quando temos filhos e começamos a ter netos, já não construímos mais nada para a gente. Tudo o que a gente faz é pensando em que eles tenham mais oportunidade que nós, tenham uma vida melhor que nós, ganhem melhor que nós, possam viver mais dignamente do que todos nós estamos vivendo agora.

Então, começou uma polêmica enorme sobre o que vai acontecer com a Petrobras: “O governo vai criar uma outra estatal. A Petrobras, coitadinha, vai ser abandonada” – já dizia o José Sergio Gabrielli: “A Petrobras vai ser abandonada, coitadinha da Petrobras”. O Estrella perdeu mais alguns cabelos. Eu ficava vendo a polêmica pela imprensa, achava tudo inusitado. Era como se um belo dia, eu dissesse para mim: “a minha mãe já não presta mais, eu vou arrumar outra mãe”. Mãe é única, José Sergio, e a Petrobras é a mãe da industrialização deste país.

O que queremos discutir, e o ministro Lobão é o coordenador de um grupo interministerial que possivelmente este mês me entregará o resultado do trabalho que eles estão produzindo, para a gente saber como é que será tratada essa questão do pré-sal.

Eu só tenho dois objetivos, que disse para eles: primeiro, temos que aproveitar esse dinheiro para tentar acabar com a pobreza neste país. O segundo é que a gente pague a dívida com a educação brasileira, que tanto desprezamos no século passado. Se a gente resolver esses dois problemas, e certamente terão outros problemas para serem resolvidos, nós vamos encontrar uma solução adequada, construindo a parceria com os governadores que detêm a área – Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, um pouco da Bahia.

É importante ter claro que precisamos levar em conta a necessidade de resolver o problema deste país. Nós já temos uma decisão firmada, já anunciada pela Petrobras: não vamos ser meros exportadores de óleo cru, vamos exportar produtos com maior valor agregado, porque precisamos. Ao



mesmo tempo, continuar fazendo os investimentos, porque isso não veio de graça. A Petrobras tem investido mais de um bilhão e 700 milhões nesse último período em pesquisa, em prospecção. Quando a gente enfia uma broca a 4 mil metros de profundidade e encontra petróleo, está aqui, todo mundo aplaudindo. Mas se enfiasse a mesma broca e não encontrasse petróleo, iria aparecer um senador da oposição dizendo: “Está gastando dinheiro, está furando onde não tem petróleo”. Como se fosse possível a 7 mil metros, lá embaixo, a gente saber onde tinha petróleo. A gente tem indícios de prova, que os grandes geólogos dizem que têm, os estudos físicos que eles fazem, tem toda uma coisa da geologia, que o Estrella vai nos ensinar.

Eu penso que se a Petrobras não fizesse os investimentos que fez, se não acreditasse que seria possível, a gente estaria hoje, ainda, com a perspectiva que a gente tinha há dois, três anos. Penso que este é o momento em que não poderemos dizer: “Bom, tiramos a barriga da miséria”. É momento de a gente ainda acreditar que tem um processo, tem um processo de exploração, de estudo, ver o que vai acontecer no poço, ver quais são os movimentos que vão acontecer. Possivelmente daqui a um ano a gente esteja já tirando em grande escala e perfurando outros poços. Se tudo isso acontecer, estaremos dando um salto extraordinário na história deste país.

Mais importante é que a gente também não fique dependendo do petróleo, porque quase todos os países do mundo que depositaram o seu desenvolvimento apenas no petróleo continuam pobres. Nós temos que aproveitar o petróleo para quê? Para industrializar este país, para disseminar, junto à sociedade, as possibilidades.

Para terminar, quero dizer para vocês que voltaremos em março a Tupi, à Bacia de Campos, porque a Bacia de Campos é um troço fantástico, (inaudível) de Santos, nem é tudo São Paulo, nem é tudo Rio de Janeiro, nem é tudo Espírito Santo. A Bacia do Espírito Santo pega um pouco da Bahia, a de Campos pega metade do estado do Espírito Santo, a de São Paulo pega a



metade do Rio de Janeiro, e vai por aí afora. Só espero que achem uma em Caetés, em Pernambuco, onde eu nasci. Se é verdade que o petróleo é por causa dos dinossauros, quem sabe lá em Caetés, na era pré-sal. Estrella, faça um estudo lá, pelo amor de Deus, não fique estudando só a terra do Paulo Hartung, vá lá em Caetés, cave um burquinho lá, quem sabe...

Eu queria, companheiros, dizer para vocês que mais do que nunca podemos dizer que a soberania do nosso país chegará ainda mais forte aos que vierem depois de nós.

Portanto, renova-se aqui, hoje, o compromisso de solidariedade nacional, legado das gerações que nos antecederam. O petróleo é nosso, ele é e será de todos os brasileiros e brasileiras, e porque será de todos, vai mudar definitivamente a face social do nosso país.

O Paulo Hartung tem mais dois anos e quatro meses de governo, eu tenho mais dois anos e quatro meses de governo. Se acontecer o que estou prevendo que vai acontecer no Brasil, nesses próximos dois anos e quatro meses, nós vamos ter a possibilidade de colhermos, em oito anos, aquilo que pessoas até bem intencionadas, que governaram antes de nós, não conseguiram colher em dez, 15 ou 20 anos.

A nossa geração de governantes é uma geração de sorte. Alguns dizem que os outros não deram certo porque tinha crise mundial: tivemos a crise da Rússia, a crise da Malásia, a crise não sei de onde. Mas, agora, estamos há um ano com uma crise profunda na maior economia do mundo. Uma crise tão profunda que já chegou à Europa e que, portanto, a economia da Europa já começou a decrescer. Se há dez anos tivesse uma crise com 10% da magnitude que tem a crise americana hoje, o Brasil já teria quebrado, ou seja, eles espirram e nós ficamos com pneumonia.

Hoje, a economia brasileira está tão sólida, a macroeconomia está tão sustentável e as reservas estão tão seguras, que embora estejamos preocupados com a crise americana e acompanhando-a todo santo dia, a



gente acompanha a crise todo dia, com lupa: é o Banco Central, o ministro da Fazenda e, de quando em quando, uma reunião com muita gente, para a gente não permitir que o Brasil seja pego de sobressalto e, daqui a pouco, a gente volte àquela situação que vivemos há tanto tempo.

Nós, hoje, vocês sabem, não devemos nenhum favor ao FMI. As nossas reservas são maiores do que a nossa dívida externa. Dívida privada, na sua grande maioria, e dívida que os estados e prefeituras contraem para fazer investimentos, o que é muito importante, dada pelo Banco Mundial, pelo BID e pelo Bird. Então, a situação está sob controle.

É importante lembrar também que os estados estão adquirindo condições de investimento. Se fizermos uma comparação, Paulo, entre você e o Camata, que governou este estado, você vai perceber que ele tinha até presidente do partido dele e que o estado não recebeu as parcerias, nem 10% do que construímos nesses últimos oito anos.

Você pega do Camata ao Vitor Buaiz, pode pegar: o estado não tinha dinheiro, nem o governo federal tinha dinheiro para fazer convênio com os estados. Então, eram um bando de pobres... É verdade, era um bando de (inaudível) roto, um falando mal do outro: o prefeito falava mal do governador, que falava mal do presidente, que falava mal do FMI. E, assim, foram anos e anos. Quem de nós, aqui, não passou dez ou 15 anos na rua gritando contra isso? Quantos governadores neste estado não tiveram condições nem de pagar a folha de pagamento?

Hoje, não apenas o governo federal está bem, como os estados e as prefeituras estão bem. Eu duvido que exista, neste estado, mais do que três ou quatro prefeituras que não tenham obras em parceria com o governo federal, com o governo estadual e com o prefeito. Podem andar por qualquer lugar deste país, são quase 6 mil municípios, do Sudeste ao Nordeste, podem procurar, escolham uma cidade, peguem um avião e vão lá, que tem alguma obra financiada do PAC, em parceria com os governos estaduais e com os



governos municipais.

Sabem por quê? Porque hoje eu tenho o privilégio, Paulo Hartung, de dizer que nenhum presidente da República teve o prazer, teve a honra histórica de governar o País numa relação tão amistosa e companheira como eu tenho com os 27 governadores de estado deste país.

Sou um homem que aprendi a não ter inimigos. Obviamente que alguém pode ser meu inimigo, mas eu não sou dele. Quando a gente chega aos 60, a gente já está pensando na outra vida, quem é católico tem essa preocupação. Eu não quero criar nenhuma animosidade para que o “Homem” não fique em dúvida em me receber lá em cima, quero garantir meu espaço. Então, não tenho tempo de fazer inimizade. Não quero saber se o governador é do PMDB, se é do PT, do PSDB, do PFL, não quero saber se ele é judeu, se ele é evangélico, se ele é... Quero saber o seguinte: ele governa? Tem povo naquele estado, naquela cidade? Então, ele tem direito igual a todos os outros neste país. É assim.

Quero dizer, de passagem, que o companheiro Paulo Hartung é um exemplo de construção dessa parceria, porque nós estamos juntos nessa brincadeira há seis anos, e nós nunca faltamos, em nenhum momento, um com o outro. O Espírito Santo vai receber sempre aquilo que ele merece e aquilo que precisa.

Eu e ele temos uma dívida com o estado, que é o aeroporto. Eu dizia para o Paulo: é um problema crônico, porque há uma briga entre o Tribunal de Contas, a Infraero e as empresas... Ontem eu tive uma reunião com o ministro Nelson Jobim, com a Infraero, com a Casa Civil, que temos que resolver. Eu, inclusive, disse: vou convidar todo mundo para a minha mesa para a gente colocar os pingos nos “is”, porque não é possível. Não é apenas esse, são quase todos os aeroportos. É uma briga que não consigo compreender, dizem que as obras estão caras, estão superfaturadas. Se for isso, a gente tem que abrir um processo e fazer investigação. Agora, na hora que você paralisa a



obra, o que você construiu está se deteriorando. Se você tiver que fazer de novo vai ficar duplamente mais caro se não encontrar uma solução.

Eu quero agradecer a vocês, à Petrobras e à sua direção. Eu acho essa Petrobras tão importante... Falo sempre para o José Sergio Gabrielli, é tão importante, Paulo Hartung, que a gente deveria eleger pelo voto direto o presidente da Petrobras e, depois, ele indicaria o presidente da República, seria diferente do que é hoje. Cada vez que nos reunimos com a Petrobras para discutir investimentos, vem o Guido Mantega, vem o Paulo Bernardo: “Quanto é que você tem para investir?” “Sessenta milhões, 70 milhões”. Aí chega a Petrobras com um pacote: “Quanto é que você tem para investir?” “Duzentos e vinte e oito milhões”. Vocês vejam como é triste a vida de um presidente da República e como é alegre a vida do presidente da Petrobras.

De qualquer forma, eu quero dizer, José Sergio Gabrielli e companheiros da Petrobras, que feliz o país que tem uma empresa com o acúmulo de conhecimento que tem a Petrobras. Vocês, mais do que qualquer outra coisa neste país, significam a certeza de que um país que pode construir uma Petrobras é um país que pode ser muito mais do que ele é, porque demonstra que o povo está preparado.

Um abraço. Boa sorte. E parabéns à nossa querida Petrobras.

(\$211A)